

A POLITICAL/DIVULGAÇÃO



O papa da polêmica

Ricardo Daehn

Há muito de discurso no novo filme do incendiário canadense Bruce LaBruce, *O intruso*, mais um na fila de filmes que expressam ambivalência sobre pornografia, convenções e até mesmo identidade homossexual. O diretor canadense coloca o ator Bishop Black no centro de uma provocação de cinema que versa sobre imigrantes e refugiados — que, curiosamente, chega às vésperas da discussão da necessidade de um Exército europeu.

“Penso que a democracia é uma instituição digna, e que está atualmente, de modo universal, ameaçada. Acho que a tradição do jornalismo imparcial e objetivo é essencial”, diz LaBruce, quando

examina a conjuntura global. Com personagens que são pregadores ou defensores de doutrinas “dogmáticas ou fanáticas”, ele cria um filme novo, apoiado no tremor “de alegria” possibilitado por imagens de sexo explícito, e imantado por *Teorema* (clássico de 1968, assinado por Pasolini).

Atento à crítica feita à hipocrisia ou contradições, LaBruce crê que, em cinema, não pregue conceitos. “Contemplo elementos camp (rasgados), que é uma sensibilidade ancorada em irônica distância, uma certa teatralidade e exagero, embalada por respostas (artísticas) contraditórias. Meu trabalho é, muitas vezes, ambíguo; os que pregam raramente lidam com ambiguidades”, defende.

Filme *O intruso*, baseado em obra de Pasolini

ENTREVISTA // BRUCE LABRUCE, CINEASTA

Você, objetivamente, cita o clássico brasileiro *Macunaíma*. O que conhece de cinema daqui?

Não sei tanto quanto gostaria. Dois dos produtores de *O intruso*, Victor Fraga e Alex Babboni, são brasileiros, e foram eles que me chamaram a atenção para *Macunaíma* e a cena do nascimento de um adulto, a que faço referência no meu filme. É claro que já vi o trabalho de alguns dos mais conceituados realizadores brasileiros, como Walter Salles, Hector Babenco (sou grande fã do *Pixote*), Fernando Meirelles e José Padilha. Também sou amigo do grande realizador queer brasileiro Gustavo Vinagre. Quando visitei São Paulo, recentemente, no Mix Brasil, participei de um filme dele.

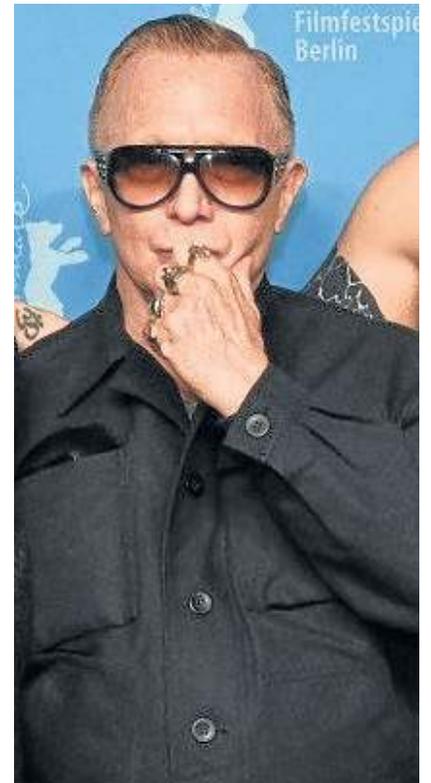
Seu cinema é anárquico? Difere dos filmes de Pasolini, em quem, claramente, te inspirou?

Comecei como um cineasta punk, queer, experimental e underground, portanto tenho fundos de expressão e política anarquistas, trago um ethos (comportamento) punk, retido em mim. Pasolini era mais marxista do que anarquista, embora tenha adotado pensamento dialético e uma filosofia religiosa alinhada a Spinoza (na racionalidade, de um Deus espelhado na natureza) permitiram-lhe seguir crenças quase contraditórias. Foi marxista, mas também católico; católico, mas também ateu (pelo menos quando era jovem), um católico e um homossexual, embora a igreja condenasse homossexualidade. Sou agnóstico, não católico, mas o meu trabalho aborda a intersecção entre êxtases sexuais e religiosos. Sou fascinado com a percepção de que a Igreja católica e os seus santos são fetichistas e sadomasoquistas.

Como assim?!

Costumo dizer que a maioria dos fetichistas têm uma espécie de devoção espiritual e reverência pelos seus objetos de desejo, por mais vis ou abjetos que sejam. Em termos de representação sexual, tenho uma

FESTIVAL DE BERLIM/ RPRODUCAO



visão mais descaradamente pornográfica do que a de Pasolini, dados meus impulsos anarquistas e punk, mas penso que se ele não tivesse sido assassinado tão jovem, poderia muito bem ter explorado a pornografia mais diretamente no seu cinema. Parece que ia naquela direção.

Por acaso, o diretor Peter Greenaway te inspira, no quesito degradação visual?

Vi a maioria dos filmes de Peter Greenaway. Eu gosto dele, com as intervenções formalistas, o seu estruturalismo, a pictorialidade de suas composições e a sua decadência barroca. Assisti a seu primeiro filme experimental *The falls* quando era estudante de cinema e isso impressionou-me muito. Pensei muito em *O cozinheiro*, o ladrão, sua mulher e o amante, quando filmei as cenas do jantar em *O intruso*. Nisso, ajustei movimentos de câmara e trouxe o ambiente burguês da sala de jantar. Assim, dali imprimi a distinção de classe e as ideias de consumismo e canibalismo (no caso do meu filme, coprofagia que, aliás, tomei de empréstimo do Salò).